

INOVAR

APRENDER



DIVULGAR

COLABORAR



CONSELHO
NACIONAL DE
EDUCAÇÃO

Título

DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender – 2024

Direção

Domingos Fernandes, Presidente do Conselho Nacional de Educação

Coordenação

Domingos Fernandes
Aldina Lobo

Organização

Aldina Lobo
Ana Sérgio

Revisão de texto

António Dias
António Lopes

Apoio à coordenação

Cristina Brandão
Rita Vinhas

Apoio administrativo e financeiro

Paula Barros

Expedição

Ana Estribio

Autores

Vários

Os textos e respetivas imagens são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a posição ou orientação do CNE.

Editor

Conselho Nacional de Educação (CNE)

Design gráfico

Providência Design

Impressão

Greca – Artes Gráficas

Tiragem

500 exemplares

1.ª Edição

Março de 2025

ISSN

2975-9951

ISSN Digital

2976-0569

Depósito legal

526051/23

Agradecimentos

O Conselho Nacional de Educação

agradece a todos quantos deram o seu contributo para a presente publicação, a título individual ou institucional, designadamente:

aos biografados Hélder Castro, Teresa Martinho Marques, António Figueiredo, Conceição Malhó Gomes e respetivos participantes. A saber, diretores, ex-diretores, equipas de direção, professores, alunos, ex-alunos, funcionários e encarregados de educação;

ao Agrupamento de Escolas da Bemposta e à Escola Profissional Profitecla – Braga, em particular às equipas de direção, ao pessoal docente e não docente, aos alunos, encarregados de educação e coordenadores das estruturas de gestão intermédia;

ao designado "Júri de avaliação de propostas de textos para a publicação periódica DICA 2024 (segunda parte, Vivências)", composto por David Rodrigues, Jesus Maria Fernandes, Matilde Rocha e Aldina Lobo;

aos presidentes, comissários ou coordenadores do Plano Nacional das Artes (PNA), da Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), do Plano Nacional de Leitura (PNL), da Associação Portuguesa de Educação em Ciências (APEduC), da Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM), da Associação Cantar Mais (ACM), da Associação Nacional de Professores de Educação Visual e Tecnológica (APEVT), do Conselho Nacional de Associações de Profissionais de Educação Física e Desporto (CNAPEF) e da Sociedade Portuguesa de Educação Física (SPEF).

A todos agradece-se o compromisso, o empenho e o diálogo mantidos com o CNE, nas diferentes etapas do processo, o que permitiu chegar à segunda publicação do projeto DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender - 2024.

VIVÊNCIAS DICA

Reinvent'ART-E – Reinventar a escola pela integração das expressões artísticas no currículo

Helena Luís, Lia Pappamikail, Margarida Togtema e Luísa Matos (PNA)

Bibliotecas Escolares: da integração à inclusão

Paula Ribeiro e Paulo Sousa (RBE)

Clubes de leitura nas escolas

Andreia Brites, Mónica Rebocho e Regina Duarte (PNL)

Práticas inovadoras na educação em ciências

Ana Peixoto e Fátima Fernandes (APEduC)

Residências artísticas: o projeto Cantar Mais Liberdade (re)vive Abril

Ana Rita Carreira (APEM e ACM)

Dos sentidos ao sentir... Um jardim para todos

Iva Mónica da Costa Neves, Albina Maria Leite da Costa Ribeiro e Manuela Susana Pereira Correia (APEVT)

Agrupamento de Escolas de Silves Sul – um trajeto de compromisso: o caso da Educação Física

Nuno Ferro, António Pedro Duarte e Miguel Fachada (CNAPEF e SPEF)

Síntese Vivências DICA

Escolas amigas das crianças:

DICA(S) de boas práticas curriculares e pedagógicas

Maria Alfredo Moreira

BIBLIOTECAS ESCOLARES: DA INTEGRAÇÃO À INCLUSÃO

PAULA RIBEIRO

PAULO SOUSA

REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES (RBE)

Uma educação inclusiva exige transformação de espaços, práticas e cultura escolar, para que a diferença seja vista como oportunidade de enriquecimento coletivo. No Agrupamento de Escolas Raul Proença (AERP), de Caldas da Rainha, o desejo de inclusão é tão antigo quanto a própria instituição e a biblioteca escolar assume papel central nesta missão. O projeto Na escola conto um conto a todos!, integrado na candidatura da Rede de Bibliotecas Escolares Todos Juntos Podemos Ler, combina trabalho colaborativo, recursos adaptados, tecnologias e estratégias inovadoras de mediação de leitura, demonstrando que a literatura, aliada à arte e a áreas que contribuem para a construção do ser, se apresenta como um poderoso catalisador para a inclusão. Este artigo apresenta algumas práticas do AERP para passar de um modelo meramente integrativo a um modelo inclusivo, que acolhe e valoriza as capacidades únicas de cada aluno, celebrando a diferença e uma aprendizagem verdadeiramente para todos.

Palavras-chave

Inclusão;
Biblioteca Escolar;
Necessidades
Educativas Específicas;
Leitura Inclusiva;
Cenários Educativos
Inovadores.

Inclusive education requires the transformation of spaces, practices and school culture, so that difference is seen as an opportunity for collective enrichment. At the Raul Proença School Group (AERP) in Caldas da Rainha, the desire for inclusion is as old as the institution itself and the school library plays a central role in this mission. The project "At school I tell everyone a story!", part of the School Library Network's application "We can all read together", combines collaborative work, adapted resources, technology and innovative reading mediation strategies, demonstrating that literature, combined with art and areas that contribute to the construction of the self, can be a powerful catalyst for inclusion. This article presents some of the AERP's practices for moving from a purely integrative model to an inclusive one, which welcomes and values the unique abilities of each student, celebrating difference and truly learning for all.

Keywords

Inclusion;
School Library;
Specific Educational Needs;
Inclusive Reading;
Innovative Educational
Scenarios.

Da integração à inclusão: o caso da EB Santo Onofre

A abordagem ao tema da educação inclusiva extravasa o meio escolar, pois o bem-estar geral e a integração social, nomeadamente daqueles que demandam medidas de suporte à aprendizagem e à inclusão, deverá ser um desígnio coletivo que compreende todas as instituições e cidadãos que a constituem. Assim, quanto mais o contexto o exigir, melhores serão, certamente, as respostas, sobretudo se existir um compromisso e continuidade nos esforços para superar as necessidades diagnosticadas.

Neste sentido, importa salientar que o Agrupamento de Escolas Raul Proença (AERP) constitui um exemplo de como as circunstâncias moldam os indivíduos e as instituições, em particular na Escola Básica de Santo Onofre, onde está em desenvolvimento o projeto de inclusão que serve de base a este artigo.

Acolher a diferença, integrar e ensinar crianças e jovens limitados física e/ou cognitivamente, alguns com problemáticas severas, não é uma questão de desempenho académico, mas de potencial humano

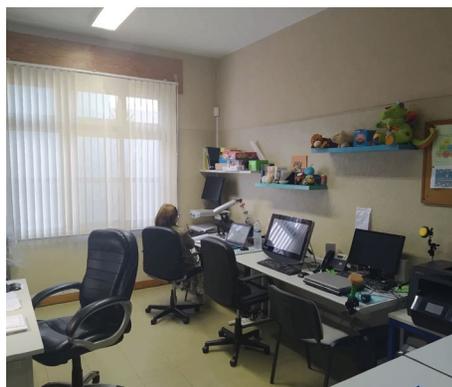
A Escola Básica de Santo Onofre foi fundada em 1993, tendo sido edificada numa zona periférica da cidade adjacente a um bairro considerado problemático por albergar situações de pobreza e de abandono escolar, pelo que a diferença marcou presença na

escola desde o primeiro dia. Neste sentido, o contexto organizacional e humano que caracterizou a história inicial desta escola contribuiu e, de certa forma, exigiu que os professores e assistentes operacionais estivessem sensibilizados para a necessidade de acolher todos os alunos, independentemente das suas necessidades, e procurar soluções para superar as dificuldades, promovendo estratégias de acesso ao currículo para todos. Acolher a diferença, integrar e ensinar crianças e jovens limitados física e/ou cognitivamente, alguns com problemáticas severas, não é uma questão de desempenho académico, mas de potencial humano.

Com a integração num Agrupamento de Escolas aumentou a diversidade na comunidade educativa, o que compeliu respostas educativas diferenciadas, de acordo com as necessidades e características dos alunos, e medidas adicionais de suporte à aprendizagem e à inclusão. Mais recentemente, o AERP constituiu-se como um Agrupamento de referência para alunos cegos e com baixa visão, reforçando o seu compromisso com a inclusão.

Desempenhando um papel primacial, os docentes de Educação Especial estão na primeira linha na adaptação de currículos e métodos de ensino para atender às necessidades individuais dos alunos, trabalhando em colaboração com os restantes agentes educativos e famílias na promoção de um ambiente de aprendizagem inclusivo e estimulante. A constituição de estruturas de apoio como a Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva (EMAEI) e o Centro de Apoio à Aprendizagem (CAA), contribui para a aplicação das estratégias de inclusão regulamentadas.

Instalações do Centro de Recursos de Tecnologias de Informação e Comunicação e Imagem de Bilibionofre



O reconhecimento das condições particulares da Escola Básica de Santo Onofre motivou o convite da Direção Regional de Lisboa e Vale do Tejo (DRELVT) para a instalação do Centro de Recursos de Tecnologias de Informação e Comunicação (CRTIC) no ano letivo de 2007-2008, sendo um dos motivos o facto de, na altura, ser a única escola do concelho das Caldas da Rainha sem barreiras arquitetónicas. Com a convicção de que a tecnologia pode e deve ser utilizada para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos com necessidades específicas, tem como principal função a avaliação e a prescrição de produtos de apoio. Trabalha igualmente em estreita articulação com os agentes educativos do AERP na promoção de informação sobre inclusão, recursos e techno-

logias de apoio e na formação de utilizadores, aspeto fundamental, tendo em conta o reconhecido défice de oferta formativa para os docentes em geral no âmbito de estratégias de inclusão enquadradas no domínio da Educação Especial.

No entanto, não podemos deixar de salientar que uma efetiva inclusão depende de todos e apenas será uma realidade quando a diferença for encarada como natural e fizer parte de todas as rotinas da escola. É necessário que o acesso a locais e oportunidades não se limite aos gabinetes de Educação Especial, entre docentes, psicólogos ou outros técnicos especializados. O desafio está em integrar esta diversidade na sala de aula, no recreio, no ginásio, na biblioteca...

Todos juntos podemos ler na EB de Santo Onofre

A Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), o Plano Nacional de Leitura 2027 (PNL2027) e a Direção de Serviços de Educação Especial e Apoios Socioeducativos da Direção-Geral da Educação (DGE/ DSEEAS) têm vindo a desenvolver, desde o ano letivo de 2011-2012, a iniciativa Todos juntos podemos ler, lançando uma candidatura anual a todas os agrupamentos/escolas da rede escolar pública. Esta iniciativa, que conta ainda com o apoio da Fundação Altice Portugal, aposta no desenvolvimento de projetos que contribuam para uma educação promotora de práticas e competências de literacia com todos, envolvendo as crianças e jovens com necessidade de medidas de suporte à aprendizagem e à plena inclusão e/ou que, por circunstâncias várias, revelem dificuldades na acessibilidade e na utilização da leitura, da escrita e da oralidade.

Na sequência da aprovação do projeto da candidatura Na escola conto um conto a todos!, a equipa da Biblioteca Escolar da Escola Básica de Santo Onofre tem vindo a desenvolver, desde o ano letivo 2022-2023, uma abordagem inovadora e holística com vista à promoção da leitura e da inclusão (consultar *site* do projeto em: <https://sites.google.com/aerp.pt/tjpl-aerp/>).

Os objetivos de aprendizagem do projeto são múltiplos:

1. Promover o desenvolvimento de competências de leitura e compreensão oral de todos os alunos, de modo a potenciar a autonomia, o desenvolvimento pessoal e o relacionamento interpessoal.
2. Fomentar o gosto pela leitura e pela literatura através de experiências multisensoriais e interativas.
3. Desenvolver a criatividade e a expressão artística em articulação com a leitura.
4. Integrar os alunos com necessidades específicas nas atividades regulares da turma.
5. Estimular a empatia e a compreensão mútua entre os alunos.

As competências a desenvolver através deste projeto centram-se nas seguintes áreas de competências:

1. Linguagens e textos — através da exploração de diversos formatos de livros e narrativas e outros recursos facilitadores da aprendizagem.
2. Informação e comunicação — pela partilha de histórias e experiências entre os alunos.
3. Pensamento crítico e criativo — na interpretação e recriação das histórias.
4. Relacionamento interpessoal — pela inclusão de todos os alunos nas atividades regulares da turma e do AE.
5. Sensibilidade estética e artística — através das experiências multissensoriais e criativas.

Para promover o desenvolvimento das competências supracitadas, Correia e Cavadas (2019), salientam a necessidade de apostar em ambientes educativos inovadores, que “desafiam [as] escolas a modificarem fisicamente a sala de aula e inovarem nas práticas didáticas” (p.144), pois só dessa forma é possível criar ambientes de aprendizagem positivos, que impelem à ação e que incentivem a

confiança, a resiliência, a interação, a experimentação e a superação de desafios/problemas. Neste contexto, a biblioteca escolar apresenta-se como um espaço privilegiado para concretizar essa visão, oferecendo um ambiente fluido e multifuncional para incorporar práticas pedagógicas inovadoras que eliminem barreiras à aprendizagem.

Biblioteca Escolar: inclusão em ação

Apostar na biblioteca como promotora da inclusão contraria a tendência organizacional das escolas, que é muito compartimentada; no entanto, a biblioteca é um centro de recursos plurais que serve a totalidade da população escolar e responde a uma organização espaço-tempo flexível, por isso potencia ambientes educativos inovadores. Claro que não basta abrir a porta e esperar que a inovação e a inclusão aconteçam. Há que procurar as oportunidades e potenciar o melhor que a biblioteca tem para oferecer: os livros. Nesse sentido, o projeto Na escola conto um conto a todos! ancorou-se na Hora do conto, um momento que propicia a aproximação e envolvimento entre professores e alunos, presente na dinâmica de trabalho de muitas bibliotecas escolares, mas agora ampliado, partindo do pressuposto que a exploração das obras literárias pode ser complementada através de estímulos sensoriais ou manifestações expressivas, encontradas nas artes visuais, na música, na dança..., o que torna a leitura mais inclusiva.



Atividade Hora do Conto realizada na biblioteca escolar em torno da obra *Poemas da Mentira e da Verdade*, de Luísa Ducla Soares
Imagem de Biblionofre

Esta fruição coletiva, que é também aprendizagem, assente em estratégias devidamente adaptadas à capacidade cognitiva dos leitores/ouvintes, pretende esbater as barreiras da comunicação e compreensão, através de uma abordagem multinível, contribuindo, simultaneamente, para um sentido de pertença e inclusão. Não se trata de uma simplificação, mas de um enriquecimento da narração oral, que permite não apenas a inclusão de leitores/ouvintes com necessidades específicas, mas também beneficia a totalidade dos intervenientes, ao apelar para uma apreensão sensorial holística que deixará memórias e aprendizagens mais

significantes. As atividades desenvolvidas inscrevem-se nas teorias socioconstrutivistas da aprendizagem (Vygotsky, 1989), pois promovem a construção ativa do conhecimento através da interação social e da colaboração, proporcionando expe-

Não se trata de uma simplificação, mas de um enriquecimento da narração oral, que permite não apenas a inclusão de leitores/ouvintes com necessidades específicas

riências de aprendizagem mais ricas e envolventes, na certeza de que a aprendizagem é mais eficaz quando é contextualizada e significativa para os alunos e os envolve ativamente em todo o processo.

A implementação deste projeto, cujo público-alvo incide sobretudo nos alunos a frequentar o 1.º ciclo do ensino básico, centra-se em dois objetivos principais: 1. Reforço da oferta de recursos educativos (materiais e multimédia) adaptados a todos; 2. Criação de cenários de leitura inovadores e inclusivos.

No que concerne ao reforço da oferta de recursos educativos, a verba financiada permitiu enriquecer a coleção com livros adaptados. Foram adquiridos audiolivros e livros em Braille, dando resposta a uma necessidade diagnosticada enquanto agrupamento de referência para alunos cegos e com baixa visão. Esses títulos permitiram criar um acervo literário com obras publicadas em Braille que cobre as necessidades de leitura desde o 2.º ao 9.º ano de escolaridade. Pode parecer pouco, mas é encorajador que um aluno cego a frequentar o 5.º ano possa agora estar em sala de aula com os colegas a partilhar a mesma leitura orientada. Não será apenas um ouvinte, mas sim um leitor ativo, tateando as linhas em Braille com a mesma destreza e velocidade com que o seu parceiro de carteira utiliza a visão. A parceria com o CRTIC permite a criação e a própria impressão de recursos pedagógicos em Braille, complementando assim as propostas educativas. Foram adquiridos, ainda, livros adaptados a alunos com dificuldades cognitivas, caracterizados por incluírem textos mais simples ou conteúdos multimédia. Estas obras são igualmente adequadas para a promoção de atividades com alunos do nível pré-escolar e primeiros anos de escolaridade, cuja capacidade leitora está menos desenvolvida, de acordo com uma estratégia de maximização do potencial de utilização da coleção.

O projeto contemplou, ainda, a criação de recursos educativos diferenciados e de instrumentos e atividades com vista a responder às singularidades de cada um. Salientamos a iniciativa Caixa de histórias, em que convidámos os alunos e as suas famílias a explorar e apresentar uma obra literária (acesso aos recursos em <https://sites.google.com/view/ler-imaginar-e-partilhar/inicio/caixas-de-hist%C3%B3rias>).

Depois da sua leitura partilhada, foi solicitada aos alunos a redação de um conto, com o intuito de simplificar a mensagem e adaptar a sua releitura a crianças com barreiras à aprendizagem. Para enriquecer a sua apresentação, os alunos criaram caixas onde encerraram objetos e outros adereços que poderão ser utilizados para contar a história. Estas criações foram partilhadas em sessões dinamizadas pela biblioteca que contaram com a participação dos encarregados de educação. A título de exemplo, para a obra *O Escuro*, de Daniel Handler, foi proposto por um aluno a utilização de lanternas e outros tipos de objetos luminosos, tendo a leitura iniciado na escuridão e terminado num festival de luz e cor. Além das caixas criadas pelos alunos, a equipa da Biblioteca Escolar criou caixas temáticas para acompanhar livros e leituras. Desde novelas de trapilho a fantoches, passando por *kits* de observação de insetos e instrumentos musicais, são várias as oportunidades de enriquecer a leitura com imagens, sons e objetos.

O essencial deste projeto foi e será sempre a palavra escrita e lida. Na sua implementação ficou definido um segundo objetivo principal que consiste na criação de cenários de leitura inovadores e inclusivos. A criação do elo entre leitor e ouvinte continua a fazer sentido na simplicidade da palavra e faz, e fará sempre, parte da Hora do conto. Alguém que simplesmente lê para o outro, que, por sua vez, ouve estimulando a audição e a imaginação



Sessão de animação de leitura envolvendo as famílias. Apresentação da obra *O Escuro*, de Daniel Handler
Imagem de Bibliofre

é, em si, algo tão poderoso que não carece de grandes artifícios. No entanto, sabemos que nem sempre os nossos alunos estão recetivos e que a promoção e enriquecimento da leitura poderá potenciar um maior envolvimento da sua parte. Por outro lado, experiências mais significativas marcam de forma indelével a sua aprendizagem, ajudando a reter memórias e conhecimentos. A aprendizagem é tanto mais eficaz quanto faz sentido o que nos ensinam e mais motivados estamos para receber e reter essa informação. No caso de alunos com necessidades específicas, é fundamental perceber que não basta transmitir acriticamente a informação. Muitas vezes é necessário adaptar o seu conteúdo ou a forma de transmissão, ultrapassando fatores que constituem barreiras à aprendizagem. É a isto que nos referimos quando falamos de cenários de aprendizagem inclusivos. Mais do que um local de aprendizagem, é sobretudo a estratégia que adotamos na comunicação e partilha de informação. Poderá parecer ridículo aprender Matemática a cantar, mas a Música interliga-se profundamente com a Matemática e a integração de múltiplas áreas pode potencializar significativamente o processo de aprendizagem, ao criar experiências educacionais mais ricas e eficazes, que preparam os alunos para um mundo onde a capacidade de fazer conexões interdisciplinares é cada vez mais valorizada.



Momento do abraço coletivo na atividade de animação de leitura sobre as emoções, a partir da obra *O Novo de Emoções*, de Elizabete Neves
Imagem de Bibliofre

A convicção de que a interligação entre a literatura e a arte potencializa a apreensão e fruição da leitura esteve na base de um plano de sessões de animação de leitura, dinamizadas regularmente, ao longo dos dois últimos anos letivos. Cada sessão abordou um tema específico, a importância da música, as emoções ou a liberdade, entre outros. Partindo sempre de um livro e da sua leitura, integral ou parcial, os leitores/ouvintes eram depois convidados a vivenciar experiências complementares, com o objetivo de enriquecer e consolidar a sua aprendizagem. Foi utilizada a meditação, exercícios de visualização mental, dança, representação gráfica, audição ativa, entre outras estratégias. Para cada livro, de acordo com o assunto abordado, procurou-se encontrar a melhor proposta do ponto de vista da estimulação sensorial e cognitiva.

Estas sessões foram realizadas em contexto de turma, integrando a totalidade dos alunos, independentemente de eventuais necessidades específicas, tendo as dinâmicas sido ajustadas com vista à sua compreensão por todos. De acordo com as necessidades diagnosticadas e o seu grau de severidade, utilizaram-se estratégias diferenciadas como o acompanhamento personalizado, a adequação da linguagem, a repetição de instruções e o trabalho em pares ou em grupo. Alguns dos alunos envolvidos frequentam atividades na Unidade de Ensino Estruturado (UEE) em horário mais alargado, mas houve sempre o cuidado de os integrar nas sessões, mesmo que nesse tempo letivo não estivesse prevista a presença em turma. Na agilização destas sessões foi fundamental a articulação entre a biblioteca escolar, os professores titulares de turma e os docentes de Educação Especial.

Paralelamente, foram dinamizadas sessões de grupo exclusivamente para alunos com necessidades específicas, com conteúdos e estratégias adaptadas às suas necessidades, integradas na rotina semanal da UEE. Ao invés das sessões com as turmas, em que os alunos eram agrupados de acordo com o ano de escolaridade, as sessões na UEE agruparam a totalidade das crianças a frequentar este espaço de aprendizagem inclusivo. Esta dicotomia entre grupo turma e grupo de inclusão pauta todo o trabalho desenvolvido na escola. Se o objetivo será sempre que os alunos integrem a turma num contexto de maior normalidade possível, a verdade é que há atividades e experiências em que beneficiarão mais se o grupo for mais reduzido e homogêneo. É do difícil equilíbrio entre esta heterogeneidade e homogeneidade que resulta a verdadeira inclusão. Em muitos casos, as necessidades específicas prolongar-se-ão pela vida, pelo que o trabalho específico com estes alunos é essencial para minorar as suas barreiras à aprendizagem e integrá-los o melhor possível na sociedade.

É do difícil equilíbrio entre esta heterogeneidade e homogeneidade que resulta a verdadeira inclusão



Atividade de yoga realizada na Unidade de Ensino Estruturado para alunos com perturbações do espectro do autismo, após a exploração da obra *O Pavão Yoyô e o Tigre* Gagá Juntos Fazem Yoga, de Sónia Costa
Imagem de Biblionfre

Como foi exposto anteriormente, a criação de cenários de leitura inovadores e inclusivos passa, sobretudo, pelas estratégias utilizadas, mas importa referir que no desenvolvimento deste projeto foram, de facto, utilizados locais alternativos à biblioteca escolar. A escola possui um parque pedagógico com uma área verde que fez as delícias de professores e alunos em sessões de leitura ao ar livre. No recreio ou até no exterior do recinto, pois a inclusão faz-se em qualquer lugar, o mote ler na escola não é exclusivo da biblioteca ou da sala de aula, mas um prazer a que temos direito em qualquer lugar, ideia assumida também pelo AERP com o programa Ler mais e melhor, que cria um ambiente integral de leitura. E não são precisas mesas nem cadeiras. No chão, na relva, deitados ou sentados em tapetes, a leitura e a aprendizagem não carece de rigidez e, convenhamos, em muitos locais pelo mundo fora nem existem mesas e cadeiras de sala de aula. Quando eliminamos barreiras, nomeadamente arquitetónicas, promovemos aprendizagem e inclusão. Falta por vezes a audácia de inovar fisicamente no meio escolar, em particular na sala de aula. As bibliotecas escolares têm essa possibilidade e vantagem. Na preparação destas atividades foi reconfigurado o espaço disponível de modo a propiciar diferentes formas de o apropriar. E, por vezes, a solução passou por colocar as mesas fora do próprio espaço da biblioteca, para garantir que o chão era suficiente para todos os alunos da turma.

Repensar rotinas, discurso e formas de estar é fundamental para a necessária adaptação à mudança que vivemos permanentemente e, assim, enfrentar o desafio da diversidade e da inclusão



Sessão de leitura ao ar livre no Parque Pedagógico da EB Santo Onofre com a apresentação do livro *O herbário*, de Jorge Sousa Braga
Imagem de Biblionofre

E com os pés bem assentes no chão, temos a consciência de que o projeto *Na escola conto um conto a todos!* é apenas um exemplo de uma possível estratégia para a problemática da inclusão em meio escolar. No entanto, o trabalho realizado permitiu-nos reequacionar as práticas da biblioteca escolar para responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, integrando-os na vida da comunidade educativa. Repensar rotinas, discurso e formas de estar é fundamental para a necessária adaptação à mudança que vivemos permanentemente e, assim, enfrentar o desafio da diversidade e da inclusão. Mas é um desafio que nos suscita enorme prazer e vontade de continuar, sobretudo por sentirmos que tem impacto nos nossos alunos e que está alinhado com o desejo de contribuir para uma sociedade mais compreensiva, tolerante e inclusiva.

Inclusão em ação: algumas conquistas

Na implementação do projeto *Na escola conto um conto a todos!*, foram observadas aprendizagens significativas, alinhadas com os documentos orientadores de referência, nomeadamente as Aprendizagens Essenciais, o *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* e a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania. Os alunos desenvolveram competências de leitura e compreensão oral, fundamentais enquanto competências transversais, e ainda outras como o pensamento crítico, a sensibilidade estética e artística e o relacionamento interpessoal.

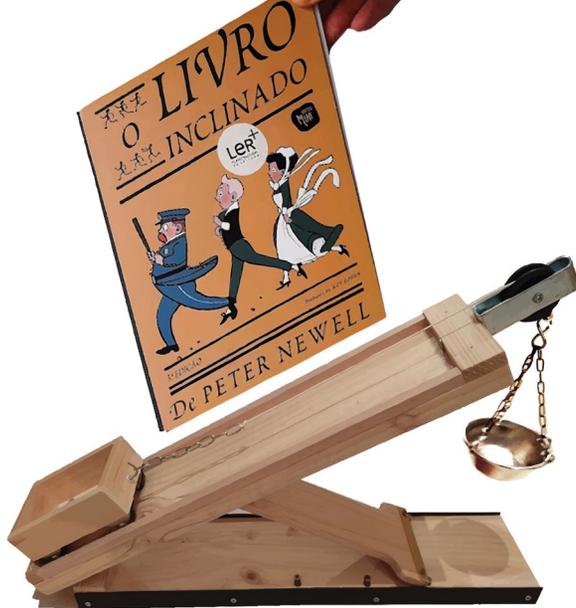
A inclusão é um processo contínuo. Não se faz por decreto, pela promulgação de políticas e diretrizes. Resulta de um ambiente educativo que abraça a diversidade e incentiva o respeito mútuo, envolvendo todos os membros da comunidade escolar, como alunos, pais e profissionais da educação. Na apresentação deste projeto, integrado na iniciativa *Todos juntos podemos ler*, ficou claro que a história e contexto do Agrupamento de Escolas Raul Proença, e de cada uma das escolas em particular, foi fundamental na definição de estratégias e na implementação de uma cultura inclusiva. As dificuldades, quando encaradas como oportunidades, geram melhores respostas e contribuem para que surjam estratégias e estruturas mais consolidadas, capazes de superar as barreiras à aprendizagem e de garantir o sucesso educativo de todos.

O AERP integrava no ano letivo de 2023-2024 cerca de 2 800 alunos, dos quais 115 (4,1%) usufruíam de Medidas de suporte e apoio à aprendizagem e à inclusão com respetivo Relatório Técnico-Pedagógico (RTP). Mais de metade desses alunos (62) frequentou a Escola Básica de Santo Onofre, onde o projeto de inclusão foi desenvolvido. As problemáticas em causa são variadas: Perturbação do Espectro do Autismo, Trissomia 21, Dislexia, Disortografia, Baixa Visão, PHDA, Deficiência Motora, Défice Cognitivo, entre outras. Estes alunos juntam-se nas turmas a colegas não referenciados, mas com problemas de aprendizagem sujeitos a medidas universais e a alunos estrangeiros (cerca de 20% da população escolar), alguns dos quais sem qualquer domínio da língua portuguesa. Neste contexto de extrema pressão, a avaliação dos resultados académicos do ano letivo anterior revela que a implementação destas medidas tem gerado resultados positivos, com uma taxa de sucesso escolar de 91% entre os alunos com RTP. Este dado é uma evidência clara de que a inclusão não só beneficia os alunos com necessidades específicas, mas também enriquece a experiência educativa de todos os estudantes, ao promover um ambiente de aprendizagem mais justo e equitativo. A perceção de que todos podem alcançar os seus objetivos, embora adaptados às suas necessidades, capacidades e interesses específicos, é fundamental para que seja reconhecido valor social a cada um dos indivíduos. Incluir a diversidade é assumirmos que somos parte dela. Nesse sentido, é incontornável afirmar que a estratégia deve passar por integrar os alunos com necessidades específicas no máximo de rotinas e atividades da escola.

Enquanto espaço integrador por excelência, a intervenção da biblioteca escolar deve ter em conta a criação de oportunidades plurais de aprendizagem flexíveis, com recursos muito variados, que permitam a inclusão e sucesso de todos. O projeto conseguiu encontrar algumas respostas para este repto. As sessões realizadas foram recebidas com entusiasmo e gratidão por todos os envolvidos, que ficaram ansiosos pela sua continuação nos anos letivos subsequentes. Para acompanhar as histórias contadas nas sessões com os alunos, foram produzidos materiais físicos e digitais de apoio. Além das caixas temáticas e dos recursos adaptados a crianças com dificuldades cognitivas, foram desenvolvidos jogos e objetos pedagógicos para ilustrar e facilitar a aprendizagem dos conceitos abordados. Por exemplo, a leitura da obra *O Livro Inclinado*, de Peter Newell, pode ter como complemento uma pequena sessão sobre ciência a partir de uma maquete de um plano inclinado. Também é possível a utilização de um zootroscópio, uma máquina de animação que convida os alunos a desenhar e dar vida às histórias. De teatros de fantoches a elementos encontrados na natureza, tudo é passível de apropriação e incorporação, desde que devidamente enquadrado pela leitura a realizar.

Na vertente digital, foram criados *microsites* com os elementos multimédia apresentados nas sessões e diversas propostas de atividades complementares. Os alunos foram igualmente envolvidos na produção de conteúdos originais, como livros de artista, audiolivros e livros-objeto. Estes materiais estão disponíveis para utilização livre ou orientada, enriquecendo os recursos da biblioteca e as experiências educativas de todos (aceder aos recursos digitais em <https://sites.google.com/aerp.pt/tjpl-aerp/recursos/>).

A inclusão é um processo contínuo. Não se faz por decreto, pela promulgação de políticas e diretrizes. Resulta de um ambiente educativo que abraça a diversidade e incentiva o respeito mútuo, envolvendo todos os membros da comunidade escolar, como alunos, pais e profissionais da educação



Exemplos de materiais pedagógicos de apoio criados para acompanhar a apresentação das histórias
Imagens de Biblionofre

O projeto Na escola conto um conto a todos! revelou-se uma iniciativa meritória na promoção da inclusão e no enriquecimento das experiências de aprendizagem no AERP, particularmente na Escola Básica de Santo Onofre, destacando-se, pela positiva, as seguintes considerações:

1. A biblioteca escolar desempenha um papel central na promoção da inclusão, enquanto espaço verdadeiramente partilhado por toda a comunidade educativa.
2. A diversificação de recursos e estratégias de leitura, incluindo a utilização de estímulos multissensoriais e tecnologias multimédia, potencia a participação e o envolvimento de todos os alunos, independentemente das suas necessidades específicas.
3. A colaboração entre a equipa da biblioteca, professores titulares e docentes de Educação Especial, outras estruturas da escola e parcerias é fundamental para o sucesso das iniciativas inclusivas.
4. A criação de cenários de leitura inovadores e inclusivos, dentro ou fora da biblioteca, contribui para uma aprendizagem mais significativa, plena e memorável.
5. O envolvimento das famílias, como exemplificado na iniciativa Caixa de histórias, fortalece o vínculo escola-família e enriquece as experiências de aprendizagem.

Inclusão em ação: próximos passos

Refletindo sobre o caminho percorrido, é evidente que a inclusão é um processo contínuo que exige compromisso, criatividade e flexibilidade. O projeto Na escola conto um conto a todos! promoveu práticas inclusivas de leitura partilhada, em sintonia com a perspetiva do neurocientista Michel Desmurget, que defende que “a leitura nos torna melhores individual e coletivamente, através da sua capacidade de enriquecer todos os aspetos fundamentais da nossa humanidade” (Desmurget, 2024, p. 348), mas acima de tudo demonstrou que pequenas mudanças nas práticas pedagógicas podem ter uma ação impactante na experiência educativa de todos os alunos.

Pequenas mudanças nas práticas pedagógicas podem ter uma ação impactante na experiência educativa de todos os alunos

Como recomendações e sugestões para o futuro, sugerimos as seguintes ações:

1. Expandir o projeto para outros níveis de ensino, adaptando as estratégias às necessidades e interesses de alunos mais velhos.
2. Continuar a apostar na formação contínua de professores em práticas inclusivas e na utilização de recursos diversificados para a promoção da leitura.
3. Explorar o potencial das tecnologias digitais na criação de conteúdos acessíveis, como livros digitais interativos e/ou com recurso a tecnologias emergentes.

Em suma, o projeto Na escola conto um conto a todos! demonstrou o poder transformador da inclusão no ambiente escolar. Através da inovação, colaboração e entrega, a biblioteca escolar tornou-se num epicentro de aprendizagem inclusiva, beneficiando toda a comunidade educativa. No entanto, as conquistas e sucessos alcançados são, somente, uma motivação para palmilhar um caminho iniciado e a que cumpre dar continuidade em futuras iniciativas.

Bibliografia

- Correia M. & Cavadas B (2019). As implicações dos ambientes educativos inovadores para as práticas dos professores. *Revista de Investigación Educativa Universitaria* 2(1), 143-159. Plantilla REEC (ipsantarem.pt)
- Desmurget, M. (2024). *Ponham-nos a ler! A leitura como antídoto para os cretinos digitais*. Contraponto Editores.
- Direção-Geral da Educação [s. d.]. *Aprendizagens Essenciais—Ensino Básico*. <http://www.dge.mec.pt/aprendizagens-essenciais-ensino-basico>
- Martins, G. d’O. (Coord.), Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carrilo, J., Silva, L., Encarnação, M. da, Horta, M., Calçada, M., Nery, R., & Rodrigues, S. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf
- Monteiro, R. (Coord.). (2017). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania*. Direção-Geral da Educação. https://dge.mec.pt/sites/default/files/Projetos_Curriculares/Aprendizagens_Essenciais/estrategia_cidadania_original.pdf
- Vygotsky, L. S. (2007). *A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (7ª ed.). Martins Fontes.